

**Reflexões sobre o fenômeno da trata de pessoas e a exploração sexual
a partir da perspectiva bíblico-teológica**

Ir. Elizabeth Pedernal, mscs

Introdução

O fenômeno da trata de pessoas é uma “ferida no corpo da humanidade contemporânea, uma chaga na carne de Cristo”.¹ Esta ferida nos desafia como cristão e nos leva a ler este fenômeno à luz da Palavra de Deus e a responder com ações concretas.

Do ponto de vista de nossa fé católica, a santidade da vida humana, desde a concepção até a morte natural, e a dignidade inalienável de todos e cada um dos seres humanos, constituem o ponto de partida e o foco central de cada iniciativa. A Bíblia ensina que todos os homens e mulheres são criados por amor e feitos à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26).

Este documento pretende aprofundar o tema da trata de pessoas a partir da perspectiva bíblico-teológica. Refletiremos sobre suas causas que requerem maior atenção e uma resposta pastoral ativa. Tentaremos explorar algumas perguntas: Nossa fé tem alguma coisa a ver com esta situação degradante e inumana?² Terá ocorrido semelhante fenômeno nos tempos bíblicos e como as pessoas desse tempo viveram tais situações e quais foram suas respostas? Que lições e desafios podemos extrair de sua situação? Como e qual deveria ser nossa resposta à situação das vítimas da trata de pessoas e da exploração sexual?

O que é a trata de pessoas e a exploração sexual?

A trata de pessoas é um fenômeno antigo. A compra e venda de mulheres, homens e crianças com fins de exploração sexual é a forma mais comum de escravidão. Ninguém sabe exatamente quão grande é o número de vítimas. No entanto, está claro que cada ano milhões de pessoas são vítimas desse comércio. Depois do comércio de armas e drogas, a trata de pessoas é a terceira fonte de ingressos para o crime organizado.

As Nações Unidas definiu este crime como “*o recrutamento, transporte, traslado, refúgio ou receptação de pessoas, mediante ameaça ou uso da força ou ainda outras formas de coação, de sequestro, de fraude, de engano, de abuso de poder ou da situação de vulnerabilidade ou de dar ou receber pagamentos ou benefícios para lograr*”

¹ Papa Francisco, *Discurso aos Participantes na Jornada Mundial de Reflexão e Oração contra a Trata de Pessoas*, 12 de fevereiro de 2018.

² Rico Ponce, “Transformative Spirituality and Mission”, in Jooseop Keum, ed., *New Milestone in Mission (International Review of Mission)*, Vol. 101, November 2012) 323.

*o consentimento de uma pessoa que tenha controle sobre outra pessoa, com o propósito de exploração sexual, trabalho ou serviços forçados, escravidão ou práticas similares à escravidão, servidão ou extração de órgãos”.*³

Muitas vítimas da trata de pessoas provêm da Europa do Leste, América Latina, África e Ásia.⁴ As palavras chaves são: *força, fraude e coerção*. A trata de pessoas é um ato de recrutar, transportar uma pessoa pela *força*, que é uma *fraude*. A maioria das vezes, os recrutadores são obrigados a infligir dores (física e mental) para obter a resposta desejada. A trata de pessoas é um fenômeno terrível porque as vítimas se encontram numa situação trágica e humilhante.⁵

Como igreja e sociedade, não podemos olhar com indiferença e negar que as estruturas injustas reduzem as pessoas a cidadãos de segunda classe. Somos conscientes de que as mulheres e as crianças são as primeiras vítimas de uma variedade muito grande de misérias causadas pela pobreza. Quando lutamos contra esta injustiça, obtemos uma nova vocação missionária: permitir que as mulheres e as crianças reclamem sua dignidade humana. Muitas pessoas se uniram a este trabalho contra a trata de pessoas e, em particular, contra este do comércio de mulheres e crianças. Muitos religiosos e leigos têm trabalhado nesta nova missão. Temos um papel importante a desempenhar nesse campo.⁶

Aprendendo do Evangelho segundo Lucas (Lc 7,36-50)

Nossas reflexões se concentrarão primeiro numa passagem do Evangelho segundo São Lucas 7,36-50. Carlos Mesters ressalta que Jesus aceita uma mulher jovem, marginalizada pela sociedade, desprezada como uma pecadora pública pela religião da época⁷. Trataremos de estar atentos às atitudes das pessoas na história, especialmente àquelas de Jesus, em relação à mulher.

Um fariseu convidou Jesus a ir comer com ele. Jesus entrou na casa dele e pôs-se à mesa. Uma mulher pecadora da cidade, quando soube que estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro cheio de perfume; e, estando a seus pés, por detrás dele, começou a chorar. Pouco depois, suas lágrimas banhavam

³ United Nations: Office on Drugs and Crime, “Protocol to Prevent, Suppress and Punish Trafficking in Persons, Especially Women and Children, supplementing the United Nations Convention against Transnational Organized Crime”, *United Nations Convention Against Transnational Organized Crime and the Protocols Thereto*, 42 [Nações Unidas: Oficina contra a Droga e o Delito, “Protocolo para prevenir, reprimir e sancionar a trata de pessoas, especialmente mulheres e crianças, que complementa a Convenção das Nações Unidas contra a Delinquência Organizada Transnacional”, Convenção das Nações Unidas contra a Delinquência Organizada Transnacional e seu Protocolos, 42] <https://www.unodc.org/documents/treaties/UNTOC/Publications/TOC%20Convention/TOCebook-e.pdf> . (consultado no dia 25 de março de 2019 – **nossa tradução**).

⁴ Carlos Mesters, *Reflection and Prayer Guide on Human Trafficking* [Guia para Reflexão e Oração sobre o Tráfico Humano]. Quezon City: Institute of Spirituality in Asia, 2012, p. 1.

⁵ Rico Ponce, “Foreword”, in Carlos Mesters, *Reflection and Prayer Guide on Human Trafficking* [Guia para Reflexão e Oração sobre o Tráfico Humano]. Quezon City: Institute of Spirituality in Asia, 2012, p. i.

⁶ Rico Ponce, *Ownership and property: Na Empirical, Theological, Ethico-Moral and Pastoral Approach*, Saarbrucken: Lambert Academic Publishing, 2012, pp. 78-81.

⁷ Carlos Mesters, *Reflection and Prayer Guide on Human Trafficking* [Guia para Reflexão e Oração sobre o Tráfico Humano]. Quezon City: Institute of Spirituality in Asia, 2012, pp. 3-6.

os pés do Senhor e ela os enxugava com os cabelos, beijava-os e os ungia com o perfume.

Ao presenciar isso, o fariseu, que o tinha convidado, dizia consigo mesmo: “Se este homem fosse profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que o toca, pois é pecadora”. Então, Jesus lhe disse: “Simão, tenho uma coisa a dizer-te”. – “Fala, Mestre” – disse ele. “Um credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários e o outro, cinquenta. Não tendo eles com que pagar, perdoou a ambos a sua dívida. Qual deles o amará mais?” Simão respondeu: “A meu ver, aquele a quem ele mais perdoou”. Jesus replicou-lhe: “Julgaste bem”. E voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para lavar os pés; mas esta, com as suas lágrimas, regou-me os pés e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste o ósculo; mas esta, desde que entrou, não cessou de beijar-me os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo; mas esta, com perfume, ungiu-me os pés. Por isso, te digo: seus numerosos pecados lhe foram perdoados, porque ela tem demonstrado muito amor. Mas ao que pouco se perdoa, pouco ama”. E disse a ela: “Perdoados te são os pecados”. Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer, então: “Quem é este homem que até perdoa pecados?”. Mas Jesus, dirigindo-se à mulher, disse-lhe: “Tua fé te salvou; vai em paz”.

Três personagens se destacam na história: Jesus, o fariseu e a mulher. Três pessoas totalmente diferentes se encontram, provavelmente por primeira e última vez, na casa do fariseu. O que pensaria cada um deles sobre os outros dois?

O fariseu, um judeu devoto, preocupava-o a observância fiel da letra da lei de Deus e o comportamento moral. Viu a mulher como uma pecadora que não merecia atenção nem respeito, e observava Jesus, talvez para ver se era em realidade o que as pessoas diziam que era: “*Se este homem fosse profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que o toca, pois é pecadora*” (Lc 7,39).

A mulher era conhecida na cidade como pecadora. Para ela o fariseu pertencia à elite da cidade. Também sabia que os fariseus tinham pouca consideração pelas pessoas vistas como pecadoras. Em todo caso, ela queria ver Jesus! O texto nos permite supor que, em sua mente, Jesus era alguém no qual se podia confiar. Sem ser convidada, teve a coragem de entrar na casa do fariseu durante a ceia, com o único propósito de aproximar-se de Jesus e honrá-lo com perfume. Ela certamente estava segura de que Jesus a aceitaria. Pelo contrário, nunca teria tido coragem de fazer o que fez.

Jesus era visto na cidade como um profeta. Era consciente da atitude negativa do fariseu em relação à mulher, mas não condenou tal atitude. Ao contrário, fez perguntas e usou uma parábola para ver si podia ajudar o fariseu a ver as coisas de maneira diferente: “*Qual deles o amará mais?*” (Lc 7,42). Usou uma parábola muito clara que não requeria explicação e que fez com que o fariseu respondesse corretamente: “*A meu ver, aquele a quem ele mais perdoou*” (Lc 7,43).

Para Jesus, a mulher era como uma irmã que necessitava de ajuda, ternura, aceitação e compreensão. Apesar de ver que todos a condenavam, Jesus viu mais profundamente: sua grande capacidade de amar. A mulher entrou, ajoelhou aos pés de Jesus, começou a chorar, molhou os pés de Jesus com suas lágrimas e os secou com seus cabelos, beijou-lhe os pés e os ungiu com perfume. Jesus não retrocedeu nem despediu a mulher. Ao

contrário, ele aceitou o que ela fez. Aceitou uma pessoa que não podia ser aceita de acordo com os judeus observantes das leis daquele tempo.

Que atitude teria tido este fariseu em relação às mulheres em situação de prostituição nos dias de hoje? Jesus defendeu a mulher contra a crítica do judeu devoto. Sua mensagem aos fariseus de todos os tempos é que *ao que mais se perdoa mostra maior amor*. Os fariseus de ontem e de hoje creem que ninguém que observa a lei é pecador. Mas esta crença faz com que nos sintamos justos e, frequentemente, nos impede de experimentar a natureza gratuita do amor de Deus e ver os atos de amor das pessoas que não pertencem a nosso próprio círculo de amizade.

No entanto, em realidade, o importante é o amor com que tratamos os demais e observamos a lei. Sabendo que era amada, aceita e perdoada, a mulher pode demonstrar seu amor e gratidão através de lágrimas, beijos e perfumes. Ao referir-se aos símbolos de amor utilizados pela mulher, Jesus desafiou o fariseu que se considerava em paz com Deus: *“Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para lavar os pés; mas esta, com as suas lágrimas, regou-me os pés e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste o ósculo; mas esta, desde que entrou, não cessou de beijar-me os pés. Não me ungiu a cabeça com óleo; mas esta, com perfume, ungiu-me os pés (Lc 7,44-46).*

Jesus perdoou a mulher dizendo: *“Tua fé te salvou, vai em paz”*. Foi sua fé que ajudou a mulher a renovar-se e a encontrar-se novamente em relação com Deus. Em que consiste essa fé? Ela teve a coragem de entrar na casa do fariseu, sabendo que ele a condenaria. Ela entrou porque acreditava em Jesus e que ele a receberia. Com o amor que recebeu dele, despertou-lhe uma força que a ajudou a renascer.

Esta força ainda pode regenerar as mulheres exploradas e desumanizadas, e muitas outras. Que atitude tenho em relação a estas mulheres quando as encontro na Itália ou na França, nas Filipinas, em Tailândia, Hong Kong, Singapura, Japão ou em outros países?

Aprendendo do Livro dos Juízes (Jz 4 – 5)

Para continuar nossa reflexão, deixemo-nos guiar pelo Livro dos Juízes (Jz 4 – 5). Remonta-nos ao século XII antes de Cristo. Fala das tribos de Israel que viviam nas montanhas centrais da Palestina. Sisara era o general do exército de Jabin, rei de Canaã que oprimiu duramente os israelitas durante vinte anos. Mas uma conscientização lenta e oculta estava em ação. As tribos se organizaram para a luta de libertação.

Sisara tinha batalhado contra os israelitas, mas sua mãe e as outras damas da corte não sabiam que tinha sido derrotado. Acharam estranho que ainda não tivesse regressado triunfante. Na canção de Débora (Jz 5,28-30) a conversa entre as damas da corte se descreve com sutil ironia. A mãe de Sisara olha pelas persianas da janela e se queixa:

“Por que seu carro demora tanto em chegar?

Por que se atrasam os cascos de seus carros?” (Jz 5,28).

Entre as princesas, a mais sábia responde, e a mãe repete para si mesma:

“Devem estar dividindo os despojos que tomaram:

Uma escrava ou duas para cada homem,

*Despojos de tela colorida para Sisara, despojos de tela colorida recamada,
Um par de panos coloridos adornados para os ombros do vencedor” (Jz 5,30).*
Mas Sisara já estava morto.

O povo despertou. As pessoas se organizaram e se rebelaram. Tinha sido impedido o sequestro e a venda de suas mulheres. A trata de pessoas só é possível quando não tem redes organizadas. Isso foi verdade na época dos Juízes.

O comércio de seres humanos, especialmente o comércio de mulheres com fins de exploração sexual, foi inclusive um dos objetivos de guerra, como fica claro em muitos textos da Bíblia. Esta forma de pensar tinha que ver com a religião na Palestina naquele momento. As pessoas adoravam Baal, a divindade da fertilidade que, pensavam eles, controlava a produção de alimento e a reprodução da vida humana. Dedicaram a ele santuários no alto das montanhas sob árvores frondosas onde trabalhavam as prostitutas do templo. As pessoas pensavam que a relação sexual com as prostitutas do templo fomentava unidade mais profunda com a divindade.

Os reis de Israel e de Judá manipularam a religião em favor de seus próprios interesses. As mulheres jovens foram obrigadas a prostituir-se em lugares altos, e seus filhos pertenciam ao rei, e também como prostitutas nos santuários. Assim pensou também o rei Jabin, seu general Sisara, a mãe de Sisara e as damas da corte. Tinha-se dito que isto era um direito divino dos reis: *“O governo do rei que te governará será o seguinte: tomará teus filhos e os destinará a seus carros e cavalos [...] que usará tuas filhas como perfumistas, cozinheiras e padeiras. [...] Tomará teus escravos homens e mulheres, assim como a teus melhores bois e burros, e os usará para fazer seu trabalho. [...]. Enquanto a ti, te converterás em seu escravo”* (1Sm 8,11-17).

A partir desta maneira de pensar, justificou-se o sequestro e a venda de mulheres. O rei Salomão não pensava diferente. Tinha 700 esposas e 300 concubinas (1Rs 11,3). No livro Coelet (Eclesiastes) ele é apresentado assim: *“Acumulei também prata e ouro, riquezas de reis e de províncias. Arranjei cantores e cantoras, e o que faz as delícias dos filhos dos homens: mulheres e mulheres”* (Ecl 2,8).

As pessoas são traficadas. Não devemos nos surpreender de que exista tanta maldade na Bíblia. José foi vendido por seus próprios irmãos por 20 moedas de prata. Inclusive Jesus Cristo foi vendido por 30 moedas de prata. A Sagrada Escritura não oculta os erros das pessoas para que não cometamos os mesmos erros; isto se diz na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (1Cor 10,6-11).

O sentido comum das pessoas se voltou contra esta mentalidade que foi animada e praticada por gente importante, mas foi oposta por homens e mulheres comuns e correntes. No livro dos Juízes lemos que muitos voluntários se uniram a esta luta. Os promotores deste processo de conscientização foram homens e mulheres de pequenos comércios, que viajaram e tiveram mais liberdade que os agricultores. Montados em suas mulas, se dirigiam aos lugares onde o povo se reunia e trataram de ensinar a eles uma maneira diferente de pensar.

Débora canta em seu belo poema:

*"Meu coração bate pelos chefes de Israel,
pelos que se ofereceram voluntariamente entre o povo: bendizei o Senhor!*

*Vós que cavalgais jumentas brancas, sentados sobre tapetes,
a galopar pelas estradas, cantai!
A voz dos arqueiros, junto dos bebedouros,
celebre as vitórias do Senhor,
as vitórias dos seus chefes em Israel!
Então o povo do Senhor desceu às portas.
Desperta, desperta, Débora!
Desperta, desperta, canta um hino!
Levanta-te, Barac!
Toma os teus prisioneiros, filho de Abinoem!
E agora descei, sobreviventes do meu povo.
Senhor, descei para junto de mim entre estes heróis” (Jz 5,9-13).*

Débora termina com:

*"Assim pereçam, Senhor, todos os vossos inimigos!
E os que vos amam
sejam como o sol quando nasce resplendente" (Jz 5,31).*

Esta é a nossa esperança

Tal resultado é o que todos os que lutam contra a trata de pessoas esperam lograr. Com base nas reflexões bíblicas e teológicas que temos exposto, podemos dizer definitivamente que nossa fé cristã é muito importante para combater o tráfico e a exploração humana. Nossa tradição judeu-cristã oferece a esperança de que um mundo novo é possível. À medida que nos envolvemos na luta das pessoas pela vida, experimentamos o poder do Espírito de Deus, inspirador, reconfortante e sustentador da força interior, o mesmo Espírito que se manifesta no compromisso do povo de perseverar na luta por justiça e pela paz.⁸

Em primeiro lugar, o povo hebreu experimentou uma situação similar de injustiça e humilhação. Mas eles acreditaram num Deus que escuta seu pranto e vê sua angústia. A relevância da fé se expressa claramente neste parafraseado moderno do Êxodo 3, “O Eterno disse: ‘Eu vi, eu vi a aflição de meu povo que está no Egito, e ouvi os seus clamores por causa de seus opressores. Sim, eu conheço seus sofrimentos. Realmente vi sua opressão pelos cafetões e seus gritos chegaram aos meus ouvidos. Agora, vai e trabalha pela libertação destas mulheres’”.⁹

Como foi ressaltado por Ir. Helena Graham, MM, nossa herança bíblica proporciona exemplos de como as mulheres enfrentaram, manobraram a situação e resistiram à opressão naquele tempo. Existe, por exemplo, a atraente viúva Judith, que fez uso da tendência da cultura patriarcal de ver as mulheres apenas como gratificação sexual

⁸ Archie Ligo e Virgínia Fabella et al, eds., *Dugo ng Buhay: A Philippine Experience in Spirituality [Uma Experiência Espiritual Filipina]*, Tagaytay City: Ecumenical Association of Third World Theologians and Forum for Interdisciplinary Endeavors and Studies, 1995, p. 8.

⁹ Carlos Mesters, *Reflection and Prayer Guide on Human Trafficking [Guia para Reflexão e Oração sobre o Tráfico Humano]*, Quezon City: Institute of Spirituality in Asia, 2012, IV.

masculina. Ela foi capaz de seduzir o general inimigo, Holofernes, e lhe decepcionou a cabeça. Judith trouxe a libertação a seu povo (Jd 7,16).¹⁰

Na atualidade, tem muitas pessoas motivadas para unir forças com outros grupos e indivíduos com intuito de deter a trata de pessoas e a exploração sexual. Muitas comunidades e organizações eclesiais, trabalham com organizações e redes de mulheres na primeira linha na luta contra esse problema global. Como parte de seu ministério diaconal e pastoral, estabeleceram casas de refúgios para vítimas e levaram a cabo campanhas de educação e sensibilização entre as possíveis vítimas. Também trabalhos de incidências em nível nacional e internacional pela aprovação e implementação de leis que freiem esta forma horrível de crime organizado internacional e que protejam os direitos humanos das vítimas.¹¹

Como resposta concreta, a Sessão Migrantes e Refugiados do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral acaba de publicar as *Orientações pastorais sobre a trata de pessoas*, aprovadas pelo Papa Francisco, com o propósito de proporcionar uma leitura do fenômeno e uma compreensão adequada do mesmo, para motivar e sustentar a tão necessária luta a longo prazo.¹² Este documento é o resultado de muitos esforços e pode orientar o trabalho futuro: “*Nos últimos anos, a Santa Sé, [...] multiplicou os apelos à comunidade internacional pedindo que os diversos actores unam os seus esforços e cooperem para acabar com este flagelo. Além disso, foram organizados alguns encontros com a finalidade de dar visibilidade ao fenómeno do tráfico de pessoas [...] Espero que este empenho continue e se reforce nos próximos anos*”.¹³

É certo que a Igreja Católica tem dado alguns passos importantes na coordenação efetiva de suas próprias instituições, mas ainda tem espaço para melhorar: “*A Igreja se compromete a criar consciência sobre a crescente necessidade de apoiar as vítimas destes delitos acompanhando-as no caminho de reintegração na sociedade e a restauração de sua dignidade humana. A Igreja está agradecida pelo esforço realizado em levar o bálsamo da misericórdia de Deus aos sofredores, porque isto também representa um passo essencial na cura e na renovação da sociedade em geral*”.¹⁴

Seguindo os passos de João Batista Scalabrini

A trata de pessoas é um crime descarado contra a humanidade e contra Deus. Possivelmente não tem condenação bíblica maior da trata de pessoas do que aquela que a Bíblia diz sobre a criação humana. Mulheres e homens foram criados à imagem de Deus (Gn 1,26-27). Isto transmite o valor máximo. Uma pessoa não deve ser comprada, vendida, usada e descartada como se fosse uma coisa e não imagem de Deus.

¹⁰ Helen Graham, MM, “... And She Said ‘No’” in *And She Said ‘No’! Human Rights, Women Identities and Struggles*, ed. Liberato C. Bautista and Elizabeth B. Rifareal, Quezon City: National Council of Churches in the Philippines, 1990, p. 34.

¹¹ Athena K. Peralta, “Trafficking and Trade in Women and Neoliberal Globalization”, in *Reformed World Volume 56*, nº 1, março 2006, p.14.

¹² <https://migrants-refugees.va/documents/es/read/a4/pastoral-orientations-on-human-trafficking.pdf> (consultado no dia 25 de março de 2019).

¹³ [Papa Francisco, Mensaje para a celebração do XLVIII Dia Mundial da Paz 2015.](#)

¹⁴ Papa Francisco, *Discurso aos membros do Grupo Santa Marta*, 9 de fevereiro de 2018 (nossa tradução).

Como comunidade de fé e missão comprometida com o seguimento de Cristo no serviço aos migrantes, nos dedicamos a fazer todos os esforços possíveis para ajudar aqueles que foram vítimas, a recuperarem o sentido de sua dignidade.

Neste caminho podemos aprender do bem-aventurado João Batista Scalabrini e da centralidade de Jesus Cristo em sua vida: “A paixão por Jesus Cristo é o segredo da vida e da ação de João Batista Scalabrini. Apaixonado pela Eucaristia, ele contempla continuamente o Filho de Deus que se fez homem para revelar o amor do Pai e para reconduzir novamente a Ele, a humanidade renovada”¹⁵.

Este foi o segredo da vida e obra de João Batista Scalabrini, este pode ser o segredo de nossa vida e missão. Através da constante contemplação do Filho de Deus, a Palavra que se fez carne (Jo 1,14), podemos aprender a admirar cada mulher e homem e servi-los, especialmente, quando sua dignidade for violada.

Enviados para anunciar o amor universal do Pai e para servir, a nossa peregrinação comporta uma constante migração, saindo de nós mesmos em direção ao outro [...] para parar e olhar com olhos de amor os peregrinos feridos ou ofendidos na própria dignidade, tratando-os com a ternura e com a determinação de Jesus, o bom Samaritano.
(Texto básico da *Traditio* Scalabriniana, 5)

[Tradução do texto em espanhol: Ir. Erta Lemos, *mcs*]

¹⁵ Texto básico da *Traditio* Scalabriniana, 3.